

2

INTERNET, UMA NOVA FORMA DE COMUNICAÇÃO

A multiplicação dos meios de comunicação e o crescimento dos gastos com a comunicação acabarão por substituir a mobilidade física? Provavelmente não, pois até agora os dois crescimentos sempre foram paralelos. As pessoas que mais telefonam são também as que mais encontram outras pessoas em carne e osso. Repetimos: aumento da comunicação e generalização do transporte rápido participam do mesmo movimento de virtualização da sociedade, da mesma tensão em sair de uma “presença” (Lévy, 1996, p. 23).

Essa citação nos remete a uma pergunta: para onde nos levará a disseminação do uso da Internet, esse novo e incrível veículo, que ultrapassa os limites da comunicação e da transmissão de informações? Ao mesmo tempo em que a grande rede aproxima as pessoas, ligando-as, rompendo barreiras de tempo e espaço, ela pode fazer com que essas pessoas percam contato físico. Para Lévy, não há esse perigo. Para sustentar sua opinião, o autor refere-se ao uso do telefone, que é apenas um veículo de aproximação entre as pessoas, não substituindo a presença física. Ainda segundo o autor:

...cada novo sistema de comunicação e de transporte modifica o sistema das proximidades práticas, isto é, o espaço pertinente para as comunidades humanas. (p. 22)

Segundo observações feitas em sala de aula, em que muitos jovens dizem preferir a conversa virtual à presencial, constatamos que o bate-papo virtual vem, cada vez mais, substituindo o real; as reuniões presenciais vêm sendo substituídas por teleconferências ou fóruns virtuais. No entanto, essas mudanças não são necessariamente negativas, pois fazem com que a linguagem escrita seja encarada de uma maneira diferente, fazendo surgir novos gêneros textuais, revitalizando a linguagem.

2.1

Os gêneros textuais (digitais)

Os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural. Contudo, os gêneros não são categorias taxionômicas para identificar as realidades estanques.

Ao citar Marcuschi (2004, p. 16) pretendemos mostrar que a visão atual sobre os gêneros não pode tratar meramente de classificação, de identificação de um gênero, sem levar em conta o ambiente em que ele ocorre. Para analisarmos os gêneros textuais praticados no ambiente da Internet, devemos levar em conta as pessoas, suas intenções no momento da produção textual, quais as possibilidades oferecidas pelo programa de computador que elas usam etc.

Certamente, não há como caracterizarmos como apenas um gênero textual todas as formas de textos que encontramos na *web*, justamente porque as intenções e as possibilidades de interação não são as mesmas em *chats*, *blog*, listas de discussão etc. Marcuschi (2004), citando Erickson (1997), diz que “a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”, o que viria a desestabilizar a noção bakhtiniana de gênero, pois, à medida que se desenvolvem novos programas de interação *on-line*, surgem novos gêneros, ou, pelo menos, os já existentes sofrem uma mutação.

Sobre a importância da escrita para o desenvolvimento desses novos gêneros textuais, Marcuschi (2004) comenta:

...nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os *bate-papos virtuais* são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos. (p.18)

O desenvolvimento desses novos gêneros em ambiente multimídia nos faz rever noções clássicas, como a da escrita, que, em *bate-papos virtuais*, acaba desempenhando um papel típico da fala, o de interação síncrona, aproximando-se da conversação face-a-face em diversos aspectos. Esse é um dos motivos que faz com que a escrita nesse ambiente – os *chats* – aproxime-se ainda mais da fala do que em *blogs* e *e-mail*, que, apesar de serem gêneros textuais também surgidos com a tecnologia da Internet, ainda conservam a assincronia própria da escrita.

Porém, Marcuschi (2004) alerta para o fato de que:

...a idéia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois há um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas. (p.19)

Assim, não devemos chamar a linguagem encontrada em *chats*, por exemplo, de “fala por escrito”, embora haja ali elementos característicos da fala. Vemos, por exemplo, a utilização dos chamados *emoticons*, que procuram representar o estado de espírito dos participantes dos *chats*. O uso de elementos visuais busca, na linguagem escrita na Internet, compensar a ausência dos movimentos faciais, gestualização, entonação, elementos paralingüísticos em geral. Quando usamos o sinal “:.)”, por exemplo, acrescentamos ao enunciado uma intenção irônica ou de brincadeira que, na fala, seria expressa por um sorriso, uma entonação característica.

Utilizarei um quadro comparativo desenvolvido por Marcuschi (2004) para mostrar que esses novos gêneros, na verdade, não são totalmente novos, já que eles tomam como base gêneros já existentes. Vejamos:

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Chat</i> em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
3	<i>Chat</i> reservado	Conversações duais (casuais)
4	<i>Chat</i> ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Chat</i> em salas privadas	Conversações (fechadas?)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>E-mail</i> educacional (aula por <i>e-mail</i>)	Aulas por correspondência
8	Aula <i>Chat</i> (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Vídeo-conferência interativa	Reunião de grupo / conferência / debate
10	Lista de discussão	Circulares / séries de circulares (???)
11	<i>Blog</i>	Diário pessoal, anotações, agendas

Quadro 1 – Novos e antigos gêneros textuais

Devemos deixar claro que há peculiaridades em cada gênero, e que, por isso, não há uma mera substituição de um gênero por outro. Aliás, não há substituição, já que nenhum gênero deixou de existir por causa de sua contraparte mais moderna.

Dentre todos esses gêneros, segundo o próprio Marcuschi (2004), “entre os mais praticados estão os *e-mails*, os *chats* em todas as modalidades, *listas de discussão* e *weblogs* (diários)”. Apesar de o *weblog* – ou *blog* – e a lista de

discussão terem muitas características em comum, elegemos aquele como objeto de análise, por se tratar de um gênero mais informal do que este, o que possibilita uma análise mais interessante para os fins deste trabalho, que procura reconhecer a escrita na sua forma mais espontânea possível. Também por se tratarem de gêneros informais e bastante praticados, os *chats* terão uma maior atenção.

Os corpora foram recolhidos de *chats* e de *blogs*, estes representando a comunicação assíncrona, e aqueles representando a comunicação síncrona, o que nos permitirá encontrar peculiaridades da escrita em sua concepção clássica e, em seu novo papel, o de instrumento de troca de idéias em conversas síncronas. Porém, achamos interessante expor também as principais características do gênero *e-mail*.

2.1.1 ***E-mail***

Os *e-mails* [...] têm sido chamados de fala “escrita”, “um cruzamento entre conversa e carta” e “uma estranha mistura de escrita com conversa.” (Crystal, p.76-7)

O *e-mail*, ou mensagem eletrônica, é atualmente um dos gêneros textuais mais produzidos em todo o mundo, já que agrega a rapidez do meio eletrônico à praticidade. Porém, não há somente vantagens no uso dessa ferramenta. Vejamos um quadro de Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva que relata as vantagens e desvantagens da transmissão de mensagens eletrônicas:

Vantagens	Desvantagens
Velocidade na transmissão.	Dependência de provedores de acesso.
Assincronia.	Expectativa de feedback imediato.
Baixo custo.	Acesso discado ainda é muito caro.
Uma mesma mensagem pode ser enviada para milhares de pessoas no mundo inteiro.	O <i>e-mail</i> pode ir para o endereço errado, ser copiada, alterada.
A mensagem pode ser arquivada, impressa, re-encaminhada, copiada, re-usada.	Há excesso de mensagens irrelevantes.
As mensagens podem circular livremente.	Mensagens indesejadas circulam livremente.
As mensagens podem, geralmente, ser	Problemas de incompatibilidade de

lidas na <i>web</i> , ou baixadas através de um software.	software podem dificultar ou impedir a leitura.
Arquivos em formatos diversos podem ser anexados.	Arquivos anexados podem bloquear a transmissão de outras mensagens ou, ainda conter vírus. Arquivamento ocupa espaço em disco, gerando lentidão da máquina.
Facilita a colaboração, discussão, e a criação de comunidades discursivas.	O receptor pode ser involuntariamente incluído em fóruns e malas diretas.
O usuário é facilmente contatado.	Há uma certa invasão de privacidade.

Quadro 2 – Vantagens e desvantagens do *e-mail*

Por ser tão utilizada, essa nova forma de comunicação acaba por adquirir características próprias, diferenciando-se dos demais gêneros encontrados na Internet. Essa grande expansão do *e-mail* gerou uma necessidade de padronização das mensagens, para que as pessoas pudessem se entender melhor dentro desse novo contexto. Buscando essa padronização, foi criada a *Netiqueta*, regras de comportamento na Internet¹.

Embora haja um esforço para se criar um padrão de mensagens eletrônicas, como no caso da *Netiqueta*, ainda há uma grande variedade dentro do gênero *e-mail*. Por exemplo, em relação a registro, há um cuidado muito maior quando direcionamos um *e-mail* para um superior no trabalho do que quando o mandamos para um amigo de infância, apesar de, como afirma Paiva (In: Marcuschi, 2004, p.77)...

Uma das vantagens do sistema de mensagens em relação à carta é que, em uma mensagem ARPANET [(primórdio do *e-mail*)], você poderia escrever concisamente e digitar com imperfeições, mesmo se dirigindo a alguém mais velho ou em posição superior, e, até mesmo, para uma pessoa que você não conhece, e o destinatário não vai se sentir ofendido.

Crystal (2005) afirma que os erros ortográficos são encarados de forma diferente quando o documento se trata de uma mensagem eletrônica.

...os erros de ortografia em um *e-mail* são interpretados não como uma indicação de falta de escolaridade (embora possam ser), mas como uma consequência da imprecisão ao digitar. (p. 93)

¹ <http://www.icmc.usp.br/manuals/BigDummy/netiqueta.html>

Mesmo com essas ressalvas, é inegável que temos um maior rigor ao selecionar o vocabulário para uma pessoa que exige tal cuidado, o que resulta no uso de uma linguagem mais formal.

Marcuschi (2004) se remete a Jonsson (1997:15) para comentar a relação que o gênero *e-mail* tem com a oralidade:

...os *e-mails* introduzem traços inteiramente novos para a comunicação, tais como a colagem gerada pelo software, postagem cruzada e encadeamentos. Os *e-mails* não se conformam aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgridem constantemente os limites entre os dois. Assim, pode-se dizer que o *e-mail* cria seu próprio domínio de discurso no território da comunicação. (p. 42)

No trecho acima vemos reafirmada a idéia de que não podemos julgar o *e-mail* simplesmente como uma carta pessoal escrita em ambiente virtual, já que aquele se constitui como um novo gênero, com suas peculiaridades formais e discursivas.

2.1.2 Os *chats*

Com a propagação da Internet, vieram também as conversações em tempo real, os chamados *chats*. Essa nova modalidade de interação social caracteriza-se pela informalidade, e, com isso, não há preocupação com correção gramatical. O interesse maior, nos *chats*, é a comunicação veloz entre seus integrantes – na maior parte, adolescentes. Segundo Crystal (2005), “o *netspeak*² é mais compreendido como uma linguagem escrita que foi empurrada em direção à fala do que uma linguagem falada que foi escrita” (p. 89-90).

Como em uma conversa face-a-face, ou um “bate-papo” entre duas ou mais pessoas, as mensagens nos *chats* são trocadas de um computador para o outro com uma certa velocidade. Diferentemente da conversação oral, a possibilidade de participar simultaneamente de várias conversas nunca foi possível na história da comunicação. É típico nesse meio que os interlocutores se expressem da forma mais informal possível, fazendo com que a língua escrita por eles usada no

² Denominação dada por Crystal à linguagem própria da Internet.

momento da conversação se pareça bastante com a língua falada. Porém, nos alerta Crystal (2005), “a comunicação mediada por computador não é idêntica à fala ou à escrita, mas exhibe certas propriedades seletivas e adaptáveis presentes em ambas” (p. 90).

E complementa...

O *netspeak* é [...] mais do que um híbrido de fala escrita, ou o resultado do contato entre dois veículos existentes há muito. Os textos eletrônicos, de qualquer tipo, não são a mesma coisa que as outras formas de texto. (p. 90)

O autor afirma que, quando tentamos equiparar a linguagem de *chats* exclusivamente à fala ou à escrita estamos cometendo um engano, já que uma nova situação – a conversação instantânea possibilitada pela Internet através da língua escrita – exige uma nova linguagem.

Um outro aspecto importante que deve ser comentado é o fato de os integrantes dos *chats* quererem se comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo. Há uma espécie de competição entre os usuários, onde o mais “comunicativo” vence.³ Por causa dessa “pressa”, surgem várias técnicas que procuram sintetizar cada vez mais a linguagem, as quais descreveremos mais a seguir.

Marcuschi (2003, p. 18) comenta a questão das comunicações escritas em tempo real pela Internet de forma bastante perspicaz. Vejamos:

Temos aqui [nas salas de bate-papo] um modo de comunicação com características da oralidade e da escrita, constituindo-se, esse gênero comunicativo, como um texto misto situado no entrecruzamento de fala e escrita. [...] Escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos bate-papos síncronos (*on-line*) é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita.

De acordo com nossa visão, o *netspeak* é sim uma nova forma de escrita, devido ao grande número de inovações e pelo fato de nos utilizarmos de diversos elementos (sons, por exemplo) que não podemos utilizar na escritura de uma carta em papel, pela espera de uma resposta quase imediata etc.

Passemos, então, aos *blogs*.

³ Ser mais comunicativo, neste caso, significa ser mais rápido.

2.1.3 Blogs

Com o avanço da tecnologia, os antigos diários de papel passaram a ser virtuais – os chamados *blogs* –, e neles os jovens postam mensagens diariamente contando fatos ou sentimentos vividos por eles. Vejamos como Marcuschi (2004) faz a descrição deste novo gênero:

Os *blogs* são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grande sistema de colagem em certos casos [...] Não são como *e-mails* nem como *chats*, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu. (p. 62)

O que diferencia o *blog* do antigo diário não é apenas a mudança de ambiente (da folha de papel para o computador), mas também o propósito para o qual foi criado. Nos diários, pouquíssimas, ou nenhuma pessoa (a não ser com o consentimento do próprio autor), tinham acesso às informações neles contidas e, raramente, seus criadores permitiam que alguns amigos mais íntimos escrevessem ali algumas linhas. Atualmente, os autores dos *blogs* criam suas páginas com o intuito de tornar a sua vida pública, deixando, inclusive, um espaço para que outros façam comentários sobre o que foi escrito, sem que haja necessidade de que sequer um conheça o outro.

Alguns donos de *blogs*, no entanto, preferem preservar a vida pessoal e colocar em suas páginas apenas banalidades para serem comentadas, como veremos no exemplo:

23.5.04

HEEEEEEEYYYYY! NOSSA, PANCADA DE TEMPO QUE NÃO ESCREVO AQUI... TÔ SENTINDO QUE ESSE BLOG FALIU... HAHahaha... MAS BELEZA... A GENTE AQUI TAMBÉM DESENCANOU DE POSTAR... MAS É QUE A VIDA TÁ CORRIDA E MUITO... SE BEM QUE ISSO NÃO É DESCULPA... BOM, VOU ME ESFORÇAR PRA ESCREVER AO LONGO DA SEMANA! COMO VCS TÃO??? TÔ NA PAZ... ATÉ DEMAIS PRA FALAR A VERDADE... WE WILL SEE... DOMINGO SUSSA... FAZER TRABALHITCHO... BLZ??? FOTAS ENTÃO... É O QUE INTERESSA! VOU LEVAR A MÁQUINA PRA SP ESSA SEMANA... TENTAR TIRAR UMAS FOTOS... ESPERO QUE SAIAM BOAS... ABRAÇOS...

Podemos observar que o *blog* cria uma atmosfera íntima entre seu criador e os “comentaristas”, mesmo que não se conheçam anteriormente. Nessa mensagem, podemos observar que a intenção do autor não é narrar, já que não há nenhum fato novo a ser narrado, mas manter a relação com sua comunidade.

Devemos notar ainda que o padrão de escrita utilizado é mais próximo do utilizado nos *chats* do que nos *e-mails*, tendo a informalidade como principal característica. Porém, a comunicação nos *blogs* é assíncrona, o que faz com que sua escrita seja um pouco mais elaborada do que nos *chats*, ambiente de comunicação síncrona.

Muito ainda poderia ser comentado e analisado acerca dos gêneros surgidos com a Internet: *e-mails*, *chats* e *blogs*. Contudo, achamos suficiente a apresentação aqui feita para o desenvolvimento deste trabalho, já que não é nosso objetivo a caracterização de cibergêneros.

É importante salientar que serão privilegiadas na análise aqui desenvolvida todas essas formas de expressão na Internet, englobando tanto a linguagem dos *chats* quanto a dos *blogs* e dos *e-mails*, todas consideradas, na expressão de Crystal (2005), *netspeak*.

2.2

Alcance da Internet entre os jovens

Um outro ponto que merece destaque é a idéia que temos de que a criança, ou o jovem, tem muito mais facilidade para aprender novas tecnologias do que as pessoas mais velhas. Para melhor explicitar essa idéia, vejamos um trecho do livro de Raquel Carneiro (2002), que trata do uso da informática na educação:

A representação mais freqüente é que a criança conhece mais sobre computadores do que os adultos, e que esse aprendizado é feito com uma facilidade tamanha que não precisa nem buscar conhecimento: só o fato de não ser adulto já lhe delega esta posição.

Em tempos nos quais a Internet alcança uma parcela cada vez maior da população mundial, a necessidade de letramento digital se configura como um grande desafio na educação, já que parte expressiva dos professores dos ensinos fundamental e médio já tem idade avançada, o que os colocaria, segundo a visão

de Raquel Carneiro, na fatia da sociedade que não domina o computador. Por esse motivo, possivelmente, muitos professores se recusariam a utilizar qualquer nova tecnologia em sala de aula, ignorando essa nova maneira de encarar a escrita surgida com a utilização do computador. Para investigar essa questão, fizemos uma entrevistas com professores de língua portuguesa sobre o assunto, como veremos mais à frente.

Segundo Marcuschi (2004), “a escrita dos *chats* é uma linguagem em seu estado natural de produção, pois não é monitorada, submetida a revisões, expurgos ou correções.”

A respeito de qual deve ser a postura dos professores em relação a essa novidade, o lingüista David Crystal nos orienta:

E as crianças precisam ser ensinadas – se não desenvolverem essa intuição espontaneamente – que as abreviações nas mensagens de texto desempenham uma função útil, onde o espaço é pequeno e a rapidez um fator crítico, mas não em outros lugares. (Crystal, p. 92)

Veremos, mais adiante, as características peculiares da linguagem utilizada no ambiente virtual.

2.3

Breve história da escrita

Antes de passarmos para o foco desta pesquisa – as abreviaturas –, acho interessante comentarmos rapidamente o caminho percorrido pela escrita até os dias de hoje.

Sabemos que, nos primórdios, ainda no tempo das cavernas, o ser humano tentava exprimir seus pensamentos por meio de desenhos. Portanto, num primeiro momento, a escrita seria caracterizada como logográfica.

Após esse momento, essa forma de expressão foi se desenvolvendo e adquirindo um caráter mais arbitrário, como afirma Langacker (1972):

Desde o início, os sinais de palavras passaram a ser usados como sinais silábicos através do princípio dos enigmas. Suponhamos, por exemplo, que houvesse sinais para as palavras *ray* e *sing*, mas não para *racing*. Seria a coisa mais natural quando surgisse numa mensagem escrita a necessidade de representar a palavra *racing*, fazê-lo através da combinação dos sinais existentes para *ray* e *sing*. Seguindo-se

com regularidade esse sistema, os sinais perdem seu valor representativo de palavras e assumem um valor puramente fonético. Assim, um sistema basicamente silábico pode se desenvolver a partir de um sistema basicamente logográfico⁴.

Com o decorrer do tempo, as sociedades foram mudando e, com elas, novas formas de escrita surgiram. Além disso, a cada nova tecnologia, novas possibilidades de concretização do pensamento em palavras se configuraram. Seguindo o pensamento de Bolter (1991), o espaço de escrita é “o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita”. Soares (2002) utiliza-se dessa definição de Bolter para refletir sobre o condicionamento que o espaço impõe à escrita:

Todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um “lugar” em que a escrita se inscreva/escreva, mas a cada tecnologia corresponde um *espaço de escrita* diferente. Nos primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira ou a superfície polida de uma pedra; mais tarde, foi a superfície interna contínua de um rolo de papiro ou de pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, com a descoberta do códice, foi, e é, a superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página de papel. Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador.

Com os gregos, surgiu a escrita alfabética, que nos permite dividir as palavras em signos ainda menores, as letras. Com esse sistema, pudemos fazer muito mais combinações para a expressão de nossas idéias e sentimentos, e é por essa razão que esse sistema faz tanto sucesso até hoje, embora haja outros sistemas de escrita (Langacker, 1972). Para alguns teóricos, como Havelock (1988), a história da linguagem humana se divide em antes e depois da escrita alfabética, pois possibilitou uma maior abstração no estudo e na compreensão da fenômeno da linguagem. O autor descreve quatro consequências do surgimento da escrita alfabética grega: a facilidade de reconhecimento de elementos discretos: palavras, morfemas, fonemas; a diminuição de sobrecarga da memória, já que sofre menos pressão do que em culturas orais; a substituição do auditivo pelo visual; e a possibilidade de estudo da linguagem concretamente.

Outro autor a trabalhar as diferenças entre a cultura oral e a escrita é Ong (1998), que considera a oralidade um processo natural da linguagem, enquanto a

⁴ Alguns sistemas de escrita permanecem logográficos até hoje, como o chinês, por exemplo.

escrita é vista como tecnologia subsidiária da fala. Dentre as formas de escrita, valoriza especialmente a escrita alfabética.

Há também pesquisadores que criticam a supervalorização da escrita alfabética. Street (1995) é um deles. O autor afirma que sistemas de escrita pictográficos e ideográficos são considerados “menos importantes”, segundo a visão de Ong (1998) e Havelock (1988), e que essa seria uma visão preconceituosa, baseada nos valores ocidentais.

A escrita alfabética é seqüencial, linear. A relação com outros textos se dá essencialmente pela paráfrase, pela citação, pelas notas, e, embora as possibilidades de intertextualidade sejam enormes (e, dependendo de quanto se expande o conceito de intertexto, sejam mesmo inevitáveis), a progressão da leitura obedece ao padrão da linearidade e a um fio condutor que pode ser momentaneamente quebrado, mas ao qual se retorna. As experiências de quebra de seqüencialidade, nas narrativas com *flashback*, por exemplo, ou naquelas que indicam várias possibilidades de ordem de leitura (como em *O Jogo da Amarelinha* de Cortazar) são vistas como exceção e transgressão.

A possibilidade de ligação entre textos, o chamado hipertexto, surgida com a tecnologia da informática, transforma o espaço da escrita, antes estático com as páginas do livro. Nas palavras de Marcuschi (2001): “a ordem das informações não está dada na própria estrutura da escrita. Diferentemente do que o texto de um livro convencional, o hipertexto não tem uma única ordem de ser lido.”

Para Ramal (2002), o hipertexto se aproxima de nossos esquemas mentais, pois:

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

Marcuschi (2001), relacionando o hipertexto com as formas clássicas de produção textual, o caracteriza como: não-linear, devido às várias possibilidades de ligação entre nós constituintes de uma rede; volátil, já que as escolhas são tão passageiras quanto as conexões estabelecidas por seus leitores; topográfico, já que é um espaço de escritura e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver; fragmentário, pois é constituído por porções em geral breves, com sempre possíveis retornos ou fugas do leitor; passível de acessibilidade ilimitada,

pois acessa todo tipo de fonte, sejam elas dicionários, enciclopédias, museus, obras científicas, literárias, arquitetônicas etc.; multisemiótico, pois interconecta simultaneamente a linguagem verbal com a não-verbal de forma integrativa, impossível no caso do livro impresso; e interativo, pois possibilita uma contínua relação de um leitor-navegador com múltiplos autores em quase sobreposição em tempo real, chegando a simular uma interação verbal face-a-face.

Como vemos, a escrita, assim como a fala e outros comportamentos sociais, adapta-se ao contexto em que se vive. O ser humano, no decorrer dos tempos, procura tornar mais prática e inteligível essa forma de comunicação. Desde os primórdios, a escrita é a mesma; o homem é que a adapta ao contexto, conforme afirma Lévy (1999).

O funcionalista Halliday (1994) também alerta sobre a evolução da linguagem verbal:

...a linguagem verbal tem evoluído de forma a se adequar às necessidades humanas; e a maneira como se organiza é funcional no que concerne a essas necessidades; em outras palavras, não é arbitrária (minha tradução).

Segundo a abordagem funcionalista, como o próprio nome diz, procura-se investigar a função da linguagem em um determinado contexto. Parece óbvio, então, que o falante adapte sua forma de comunicar-se ao ambiente em que o faz.

Atualmente, os gêneros que vêm nos chamando a atenção são aqueles emergentes da *cibercultura*, ou seja, os advindos da comunicação via Internet. Esses gêneros se utilizam de características tanto da escrita tradicional, quanto da oralidade, o que torna esse tipo de expressão um gênero híbrido e diferente dos já utilizados até hoje.

Sabemos que é comum adaptarmos características da oralidade à escrita, como os sinais de pontuação, por exemplo, tentam fazer em relação a pausas e entonação. Porém, os sistemas de comunicação anteriores à *web* demoraram séculos para se espalharem; com a Internet, a proliferação acontece em anos, como salienta Lévy (1999). Por esse motivo é que essas mudanças na escrita ganham proporções bem maiores atualmente, comparando-se com as mudanças que aconteciam antes da globalização e da *web*.

2.4

Símbolo e ícone

Como sabemos, a escrita é composta de símbolos. As letras são símbolos convencionais, arbitrários, visto que não há nada que ligue a idéia que temos da letra *j*, por exemplo, à sua representação gráfica. Por isso, poderíamos dizer que a idéia fônica de *j* poderia ser representada graficamente por *r* ou qualquer outro símbolo gráfico.

Segundo o sociólogo G. Durand (1998), a maioria dos signos são apenas subterfúgios de economia, remetendo a um significado que poderia estar presente ou ser verificado.

Todo e qualquer símbolo, sem dúvida, é um processo de economia, como, por exemplo, o símbolo da escrita “?”. Imaginemos como seria nosso sistema de escrita (que não possui a entonação da fala) se não houvesse esse símbolo e a ele um significado previamente atribuído...

– Olá, como você vai (interrogação).

Já o termo ícone é um dos muitos advindos dos estudos semióticos que se tornaram conhecidos pelo público leigo com a difusão da informática. Ícone, além dos elementos dispostos na área de trabalho de nossos computadores para nos darem acesso visual a determinados programas e arquivos, é qualquer imagem carregada de significação, simbolizando uma pessoa, local, coisa ou idéia.

Opostamente às palavras, a fotografia e o desenho realista são os ícones que mais se aproximam de seus equivalentes reais (McCloud, 2005). Conforme vão perdendo os detalhes, os desenhos vão se distanciando da realidade. Por exemplo, uma fotografia ou desenho realista é bastante fiel ao objeto ao qual se relacionam, apesar de representarem um ponto de visão do objeto, aquele da câmera ou do autor, e de representá-lo estaticamente.

Já o cartum, forma mais estilizada de representação iconográfica, é ainda menos realista, já que distancia a forma de representação do objeto representado. McCloud (2005) denomina o cartum como uma amplificação através da simplificação, ou seja, quanto mais *cartunizado* é um rosto, mais pessoas ele pode descrever.

Todas essas definições são necessárias ao propósito principal deste trabalho, já que as pessoas utentes da Internet estão em meio a ícones representando rostos, tais como:

	Contente		Dando língua
	Piscando		Estrela
	Chocado		Morto
	Muito contente		Com sono
	Confuso		Triste
	Chorando		Está de acordo
	Tranquilo		Furioso
	Palhaço		Pego de surpresa
	Envergonhado		Diabo
	Não concorda		Porco
	Aprovação		Desaprovação
	Questão		Pensativo
	Coração		Coração quebrado

Quadro 3 – Alguns *smileys*, ou *emoticons*

Analisando todos esses *smileys*⁵, percebemos que eles são totalmente cartunizados, pois não têm nenhum detalhe que os relacione a uma pessoa específica, servindo assim como representação para qualquer usuário da Internet.

Vejamos, a seguir, uma propaganda da empresa *Microsoft* referente ao uso do programa de bate-papo *MSN Messenger*:

⁵ Termo utilizado para representar os ícones que representam emoções.

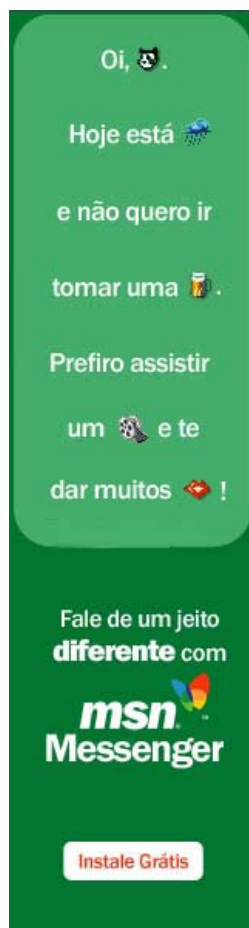


Imagem 1 – Propaganda do MSN Messenger

A linguagem usada no anúncio é a linguagem do público alvo da empresa, ou seja, os usuários do *MSN Messenger*. Percebemos que os ícones (disponibilizados pelo programa) substituem as palavras, economizando tempo do emissor e tornando o texto mais divertido, imagético, tal qual a maioria dos *sites* atualmente, nos quais a tendência do uso cada vez maior de linguagem não-verbal vem se confirmando. Uma citação de Crystal (2005) é útil nesse momento...

Tem havido esforços algo desesperados para substituir o tom de voz na tela, sob forma de um uso exagerado de ortografia, pontuação, letras maiúsculas, espaçamentos e símbolos especiais para ênfase. [...] Nuanças menos exageradas não são passíveis de serem usadas dessa forma. (p. 85)

O lingüista comenta o fato de tentativas de substituição de algumas características da conversa face-a-face serem mal-sucedidas por haver muitas nuanças que somente o contato visual é capaz de expressar. E ainda complementa, enfatizando mais um motivo pelo qual o *netspeak* não pode ser equiparado à escrita tradicional:

Os *smileys* se expandiram como forma de se evitar as ambigüidades e as percepções errôneas que surgem quando se faz a linguagem escrita carregar o peso da fala. São esforços louváveis, mas no todo falta ao *netspeak* uma capacidade para indicar expressões faciais, e isso, juntamente com indisponibilidade de tons de voz, coloca-o a uma distância considerável da linguagem escrita. (p. 86)

Um outro ponto interessante abordado por McCloud (2005) é o fato de vermos nossos rostos da maneira mais simplificada possível, já que não nos vemos o tempo inteiro. Isso quer dizer que, quando estamos interagindo com alguém, estamos visualizando apenas os detalhes do rosto da outra pessoa, não do nosso. Temos a consciência constante de nosso próprio rosto, mas essa imagem mental não é tão nítida, é só um esboço.

Talvez seja essa a razão do grande sucesso na utilização desses recursos de expressão (*smileys*) nos *chats*, a identificação dos usuários com aqueles ícones, que são simples, porém atendem, mesmo que parcialmente, aos propósitos de quem os utiliza, apesar de não substituírem todos os recursos da conversa face-a-face.

A facilidade como são expressas as emoções também pode ser uma explicação para tamanha proliferação desses criativos subterfúgios, pois uma emoção posta em palavras ou em desenhos pode ser mais facilmente compartilhada. O que era interno e privado passa a ser externo e público. (Lévy, 1996, p. 73)

As conversas com transmissão em tempo real de imagens feita por câmeras já existem, e são facilmente disponibilizadas pelos programas de bate-papo, como *Messenger*, por exemplo. Porém, não são ainda tão populares quanto os *smileys*.